

HARUKI MURAKAMI

1Q84

Livro 2

Tradução

Maria João Lourenço

Maria João da Rocha Afonso



casadasletras

LIVRO 2

julho-setembro

AOMAME

Era a cidade mais aborrecida do mundo

O final da estação das chuvas ainda não tinha sido oficialmente declarado, mas o céu por cima de Tóquio era de um azul intenso e o sol veranil queimava a Terra. Os salgueiros, carregados de folhas verdes ao fim de muito tempo, voltavam a projetar as suas sombras densas e vacilantes sobre o pavimento das ruas.

Tamaru encontrou-se com Aomame à entrada da casa. Vestia um fato de verão em tons escuros, uma camisa branca e uma gravata lisa. Nem uma gota de suor para amostra. Aos olhos de Aomame, continuava a ser um mistério como é que um homem tão corpulento conseguia fazer para nunca transpirar, por mais calor que estivesse.

Ao ver Aomame, Tamaru cumprimentou-a com um breve aceno de cabeça, pronunciou uma saudação quase impercetível e não tornou a abrir a boca. Naquele dia, não trocou com ela ideias sobre este ou aquele assunto, como era seu costume. Percorreu um longo corredor, sem olhar para trás, sempre à frente de Aomame, e conduziu-a até ao sítio onde a viúva se encontrava à espera dela. Aomame tinha a impressão de que Tamaru não se sentia com grande disposição para falar de trivialidades. Talvez a morte da cadela o tivesse perturbado. «Temos de arranjar outro cão de guarda», dissera ele ao telefone, como se falasse do tempo, apesar de Aomame saber perfeitamente que, no fundo, não era um indício de como ele se sentia. A pastora alemã significava

muito para ele: acolhera-a durante longos anos, e a cadela, por seu turno, afeiçoara-se a ele. O homem tinha sentido a morte da *Bun*, repentina e em circunstâncias misteriosas, ao mesmo tempo como um insulto e um desafio pessoal. Ao observar as suas costas, largas e mudas como um quadro preto numa sala de aulas, Aomame conseguia imaginar a raiva surda que ele devia estar a sentir.

Tamaru abriu a porta da sala de estar, deixou passar Aomame e ficou de pé na entrada, à espera de que a dona da casa lhe desse instruções.

– Por enquanto estamos bem, não precisamos de nada – disse ela.

Tamaru fez um ligeiro aceno com a cabeça e fechou a porta sem ruído. A senhora e Aomame ficaram as duas sozinhas na divisão. Em cima da mesa, junto à cadeira de braços onde se sentava a anciã, via-se um aquário redondo de vidro com dois peixinhos-vermelhos a nadar no seu interior. Eram peixes normalíssimos, dos mais vulgares que há, à venda em qualquer sítio, e o mesmo se podia dizer do aquário; lá dentro, ao sabor da água, ondulava a planta aquática da ordem. Aomame já tivera ocasião de estar naquela sala de visitas ampla e nobre, mas era a primeira vez que via ali peixes. De quando em quando, sentia na pele uma brisa fresca, como se o ar condicionado estivesse regulado no mínimo. Em cima da mesa, atrás dela, havia um vaso com três lírios brancos. As flores eram grandes e pesadas, pareciam pequenos animais exóticos em estado de meditação.

Com um gesto, a velha senhora convidou Aomame a sentar-se no sofá ao lado do seu. A janela que dava para o jardim tinha as cortinas de renda branca corridas, mas os raios de sol que se faziam sentir nessa tarde de verão incidiam com grande intensidade. Debaixo daquela luz, a velha senhora parecia mais esgotada do que nunca. Afundada no enorme cadeirão, tinha o queixo apoiado nas mãos. Os olhos mostravam-se encovados e as rugas do pescoço mais pronunciadas. Os lábios estavam descorados. O contorno dos seus olhos parecia ligeiramente descaído,

como se as pálpebras tivessem desistido de lutar contra a gravidade. Talvez devido a algum problema na circulação sanguínea, viam-se umas manchas brancas, como se estivesse salpicada de farinha. Envelhecera cinco ou seis anos, em relação à última vez em que Aomame a tinha visto. E, nesse momento, dir-se-ia não se importar sequer com os sinais exteriores de cansaço que exibia. Não era normal. Pelo menos, quando anteriormente Aomame se encontrara com ela, via-se que tinha sempre a preocupação de se apresentar bem arranjada e limpa: mobilizava toda a sua energia interior, mantinha uma postura muito direita, controlava a expressão facial, procurando não exteriorizar sinais de envelhecimento. E, em boa verdade, os seus esforços haviam sido, até aí, coroados de êxito.

Aomame reparou que muitas coisas tinham mudado naquela casa. Até mesmo a luz da sala irradiava um brilho diferente do habitual. E, depois, era preciso não esquecer aqueles peixes coloridos e o aquário tão banal, que não se enquadravam numa sala com um pé-direito alto, repleta de verdadeiras antiguidades.

A velha senhora permaneceu em silêncio por algum tempo. Com o queixo apoiado sobre a mão, olhava fixamente para um ponto perdido no espaço ao lado de Aomame. Porém, esse ponto nada tinha de especial que merecesse ser visto, Aomame sabia-o. Não passava de um espaço transitório onde pousar o olhar.

– Tens sede? – perguntou a anciã, baixinho.

– Não, não tenho sede – respondeu Aomame.

– Há chá gelado, se quiseres. Serve-te, tens aí um copo.

A senhora indicou a mesinha de apoio com rodas que estava junto à entrada. Havia um jarro de chá com gelo e rodela de limão. Ao lado, três copos coloridos de cristal trabalhado.

– Obrigada – disse Aomame, continuando sentada sem mudar de posição, enquanto esperava pelo que a anciã tinha para lhe dizer.

A viúva permaneceu calada durante um bom bocado. Havia um tema que pretendia abordar com Aomame, mas temia que, ao traduzi-lo em palavras, a verdade contida nos *factos* pudesse tornar-se uma realidade ainda mais convincente. Preferia, por

isso, adiar o momento da revelação, nem que fosse por pouco tempo. Era esse o significado daquele silêncio. Deitou uma olhadela ao aquário que tinha a seu lado; a seguir, resignada, olhou de frente para Aomame. Os seus lábios formavam uma linha direita, um tudo-nada curvada para cima nas extremidades.

– Calculo que o Tamaru te tenha contado que a *Bun*, a cadela que vigiava a casa-abrigo, morreu em circunstâncias inexplicáveis? – perguntou a anciã.

– Sim, contou-me.

– Depois disso, foi a Tsubasa quem desapareceu.

Aomame contraiu ligeiramente o rosto.

– Desapareceu?

– Esfumou-se. O mais provável é isso ter acontecido de noite. Esta manhã, já lá não estava.

Enrugando os lábios, Aomame esforçou-se por encontrar o que dizer. As palavras adequadas tardavam em sair.

– Mas... pelo que me disse no outro dia, depreendi que a Tsubasa dormia sempre com alguém no quarto, por uma questão de segurança.

– E assim era, mas acontece que a mulher na cama ao lado adormeceu como uma pedra e nem se deu conta do desaparecimento da rapariga. Ao amanhecer, a Tsubasa já não se encontrava deitada no seu *futon*.

– A pastora alemã morreu e, no dia seguinte, foi a Tsubasa quem levou sumiço – disse Aomame, como se estivesse a confirmar os factos.

A anciã concordou com a cabeça.

– Por agora, não sabemos se existe alguma relação entre uma coisa e outra. Todavia, inclino-me a pensar que sim, que existe.

Sem motivo aparente, Aomame olhou de relance para o aquário com os peixes, pousado em cima da mesa. A senhora seguiu o olhar dela e fez o mesmo. Os dois peixes-vermelhos nadavam às voltas no interior do recipiente de vidro, movendo as barbatanas com delicadeza. A luz estival refratava-se de maneira estranha no interior do aquário, produzindo a ilusão de se estar a observar um misterioso fragmento perdido nas profundezas dos mares.

– Estes peixes, tinha-os comprado para a Tsubasa – explicou a viúva a Aomame, sem deixar de olhar para ela. – Estava a decorrer um festival no mercado de Azabu e levei a Tsubasa a dar um passeio. Não me parecia saudável que ela passasse tanto tempo fechada em casa. O Tamaru também foi connosco, escusado será dizer. Numa das barraquinhas da feira, comprámos o aquário com os peixinhos-vermelhos. A menina deu a entender que tinha ficado encantada com eles. Pô-los no quarto e passou o resto do dia a contemplá-los. Após o seu desaparecimento, resolvi trazê-los para aqui. Agora é a minha vez de passar os dias a olhar para eles. Não faço mais nada, limito-me a seguir os seus movimentos. Ainda que pareça estranho, não me canso de os observar. Nunca, até à data, me lembro de ter dedicado tamanha atenção a uns meros peixinhos-vermelhos.

– Tem alguma ideia do paradeiro da Tsubasa? – perguntou Aomame.

– Não – respondeu a velha senhora. – Nem sequer conta com familiares a quem se possa dirigir em busca de ajuda. Tanto quanto sei, a pequena não tem onde se refugiar neste mundo.

– Qual é a probabilidade de alguém a ter levado à força?

A anciã fez um pequeno movimento nervoso com a cabeça, como se quisesse espantar uma minúscula mosca invisível.

– Não, ela *pura e simplesmente* foi-se embora. Ninguém entrou por ali dentro e a levou contra a vontade dela. Se assim fosse, as outras pessoas que vivem na casa teriam acordado e dado por isso. As mulheres que lá vivem têm, todas elas, o sono ligeiro. Creio que a Tsubasa partiu de sua livre vontade. Levantou-se sem fazer barulho, desceu as escadas, abriu a porta, que estava fechada à chave, e saiu. Consigo imaginar a cena. A cadela não podia ladrar, pois tinha morrido na véspera. Apesar de ter à mão uma muda de roupa para o dia seguinte, saiu para a rua em pijama. De certeza que não levou nem um iene com ela.

No rosto de Aomame a crispação acentuou-se.

– Saiu porta fora, em pijama?

A viúva fez que sim com a cabeça.

– Sim. Confesso que não sei... onde diabo poderá ter ido uma rapariguinha de dez anos, sozinha, em pijama, sem dinheiro? É impensável para alguém com dois dedos de testa. Mas, de certa maneira, quando me ponho a pensar nisso, não me parece assim tão estranho. Vou até um pouco mais longe: se aconteceu, é porque tinha de acontecer. Portanto, não me dou ao trabalho de andar à procura dela. Fico aqui quieta, a olhar para os peixes-vermelhos.

A anciã deu outra olhadela ao aquário. Depois voltou a olhar de frente para Aomame.

– Sei que ir à procura dela seria inútil, nesta altura. A pequena encontra-se fora da nossa alçada.

Ao dizer aquilo, deixou de apoiar a cabeça e libertou lentamente, num suspiro, todo o ar que acumulara por tempos infindos dentro do corpo. Colocou as mãos sobre os joelhos.

– Sim, mas o que a terá levado a ir-se embora? – perguntou Aomame. – Sabia que na casa-abrigo estava protegida, e agora não dispõe de outro sítio para onde ir.

– Desconheço o motivo, mas dá-me a impressão de que a morte da cadela deve ter sido o que desencadeou todo o processo. Assim que aqui chegou, afeiçoou-se à *Bun*, que, por seu turno, também ficou desde logo muito ligada a ela. Era como se fossem amigas do peito. Por isso, a morte da cadela, sobretudo de uma maneira tão inexplicável e tão sangrenta, foi para ela um grande choque, como é lógico. Para todas as pessoas que vivem na casa, de resto. Agora que penso nisso, talvez essa morte, perpetrada com requintes de crueldade, tenha constituído uma espécie de aviso dirigido à Tsubasa.

– Um aviso?

– Um aviso para que não ficasse aqui. Como quem diz: «Sabemos que estás aí escondida. Tens de partir, senão a desgraça abater-se-á sobre as pessoas que te rodeiam.» Enfim, uma mensagem do género.

A velha senhora tamborilava com os dedos, marcando um ritmo imaginário sobre os joelhos. Aomame esperou que ela retomasse o fio à meada.

– De certeza que a jovem compreendeu a mensagem e tomou a iniciativa de partir. Não acredito que se fosse embora só por querer. Foi *obrigada* a isso, mesmo sabendo que não tinha para onde ir. Cai-me a alma aos pés só de pensar que uma rapariguinha de dez anos tenha sido forçada a tomar semelhante decisão.

Aomame gostaria de ter esticado o braço para agarrar na mão da viúva, mas, às tantas, ficou-se pelas boas intenções. A história ainda não tinha chegado ao fim.

A anciã prosseguiu:

– Nem preciso de te dizer o rude golpe que isto representou para mim. Foi como se me tivessem arrancado um membro, até porque estava nos meus planos adotar a menina legalmente e tratar dela como se fosse minha filha, apesar de saber que o processo não iria ser fácil. No caso de as coisas darem para o torto, não poderia queixar-me nem reclamar junto de ninguém. Na minha idade, o corpo ressentir-se, e tudo isso representa um peso enorme.

– Pode ser que a Tsubasa regresse de um dia para o outro. Não tem dinheiro, muito menos para onde ir...

– Gostaria de acreditar nas tuas palavras, mas não penso que isso vá acontecer – disse a senhora num tom ausente. – Estamos a falar de uma menina que, embora tenha apenas dez anos, já pensa pela sua própria cabeça. Foi ela quem tomou a decisão de se ir embora. Duvido que regresse de livre vontade.

Aomame pediu licença, pôs-se de pé, aproximou-se da mesinha com rodas que estava junto à porta e serviu chá gelado num copo azul de cristal trabalhado. Não era tanto a sede que a movia; precisava de se levantar e de fazer uma pequena pausa. Depois voltou para o sofá, bebeu um gole de chá e pousou o copo em cima da mesa.

– Vamos deixar este caso da Tsubasa, por agora – referiu a velha senhora, enquanto esperava que Aomame encontrasse posição no sofá. A seguir, esticou o pescoço e entrelaçou as mãos diante do peito, como se fosse sua intenção colocar ali um ponto final. – Passemos ao tema da Vanguarda e do seu líder. Quero informar-te do que descobrimos acerca dele. É esse o propósito

da tua visita, hoje, se bem que, de certa forma, esteja relacionada com a Tsubasa.

Aomame assentiu com a cabeça. Não era nada que não tivesse imaginado.

– Como tive oportunidade de te dizer antes, devemos *ajustar contas* com esse indivíduo a quem chamam Líder, aconteça o que acontecer. Refiro-me a enviá-lo *para o outro mundo*. Como sabes, esse homem tem por hábito violar rapariguinhas de dez anos, que não tiveram ainda a sua primeira menstruação. Para justificar tais atos, inventou uma doutrina e aproveita-se da comunidade religiosa a que pertence, explorando ao máximo o seu próprio sistema. Mandeí averiguar o assunto o melhor que pude e confiei a investigação a profissionais dignos de confiança, o que me custou mais do que o previsto. Não foi tarefa fácil. Isto para dizer que conseguimos, ao fim de muitas diligências, identificar quatro meninas que, tudo leva a crer, terão sido violadas por esse homem. A Tsubasa foi a quarta.

Aomame pegou no copo de chá gelado e bebeu um pequeno gole. Não lhe soube a nada. Era como se tivesse a boca cheia de algodão e todo e qualquer sabor fosse por ele automaticamente absorvido.

– Não sabemos ainda todos os pormenores, mas duas das juvenzinhas, pelo menos, continuam a viver na comunidade religiosa – assegurou a anciã. – Segundo parece, desempenham o papel de sacerdotisas pessoais do Líder. Nunca se mostram diante dos outros fiéis. Ignoro se permanecem na seita por vontade própria ou se tiveram de ali ficar porque não conseguiram escapar. Também não pudemos confirmar se as meninas em questão tiveram relações sexuais com o Líder. Em todo o caso, partilham o mesmo espaço, o que significa que vivem no mesmo sítio, como se de uma família se tratasse. O acesso à área residencial do Líder está rigorosamente proibido, e os seguidores comuns não podem aproximar-se. São muitas as coisas que ainda se encontram envoltas numa nuvem de mistério.

Do copo de cristal trabalhado, pousado em cima de mesa, começaram a escorrer gotas de água pela parte de fora. A viúva

interrompeu por momentos o que estava a dizer, a fim de recuperar o fôlego, e depois continuou:

– Uma coisa é certa: diz-se que a primeira das quatro vítimas é a própria filha do Líder.

Aomame franziu o cenho. Os músculos da cara moveram-se sozinhos e ficaram seriamente deformados. Fez menção de dizer alguma coisa, mas as palavras não lhe subiram à boca.

– Podes crer – referiu a velha a senhora. – Pensa-se que esse homem terá começado por violar a própria filha. Aconteceu há sete anos, quando ela contava dez anos.

Através do intercomunicador, a dona da casa pediu a Tamaru que lhes levasse uma garrafa de xerez e dois copos. As duas mulheres deixaram-se estar caladas, cada uma procurando ordenar os seus pensamentos. Tamaru chegou, entretanto, trazendo uma bandeja com dois elegantes copos de cristal e uma garrafa de xerez por encetar. Deixou ficar tudo em cima da mesa e, a seguir, abriu a garrafa com um movimento decidido e preciso, como se torcesse o pescoço a um pássaro. O xerez produziu um som gorgolejante ao ser vertido nos copos. Assim que a dona da casa assentiu com a cabeça, Tamaru fez uma vénia e abandonou a sala. Como de costume, não pronunciou uma só palavra. Nem sequer se ouviram os seus passos.

A história da cadela não é a única coisa que o preocupa. O desaparecimento da rapariga, ainda por cima diante dos seus olhos, provocou no Tamaru uma ferida profunda. Sem esquecer que a velha senhora a estima mais do que a ninguém...

Não se podia dizer exatamente que o sucedido fosse culpa dele. Tamaru não prestava serviços vinte e quatro sobre vinte e quatro horas e, tirando uma ou outra situação especial, ia sempre dormir a casa, que ficava a uns dez minutos a pé. Tanto a morte da cadela como o desaparecimento da menina ocorreram de noite, na sua ausência. Ter-lhe-ia sido impossível impedir quer uma, quer outra coisa. O seu trabalho consistia, antes de mais, em proteger a senhora e a Casa dos Salgueiros. Não fazia parte das suas

incumbências manter a segurança da casa-abrigo, situada fora dos limites da mansão. Ainda assim, Tamaru considerava aqueles acontecimentos um fracasso pessoal e uma humilhação imperdoável que o atingia em cheio na sua honra.

– Estás preparada para eliminar esse indivíduo? – perguntou a velha senhora a Aomame.

– Mais do que preparada – retorquiu Aomame com toda a certeza do mundo.

– Olha que a tarefa não será fácil – advertiu-a a anciã. – Bem sei que as missões de que te encarrego nunca são fáceis... Esta, porém, anuncia-se *bastante mais* difícil. Pela minha parte, farei tudo o que estiver nas minhas mãos, mas desde já te aviso de que não sei até que ponto poderei garantir a tua segurança. Sem dúvida que te esperam mais riscos do que aqueles a que tens estado exposta até agora.

– Tenho plena consciência disso.

– Como já referi, não te quero expor a nenhum perigo desnecessário. Mas, para ser honesta, desta vez, a nossa margem de manobra encontra-se muito limitada.

– Não faz mal – disse Aomame. – O que não podemos é permitir que esse homem continue vivo.

A anciã pegou no copo e bebeu um pouco, deixando o xerez escorrer pela língua, a fim de o provar. Por momentos, o seu olhar demorou-se nos peixes-vermelhos.

– Sempre gostei de beber xerez à temperatura ambiente, nas tardes de verão. Não gosto de coisas frias quando está calor. Depois de beber xerez, deito-me e durmo um pouco. Quando acordo, já sinto menos calor. Quem me dera poder um dia morrer assim. Beber um pouco de xerez numa tarde de verão, deitar-me no sofá e adormecer sem me dar conta, para nunca mais acordar.

Aomame também ergueu o seu cálice e bebeu um pequeno gole. Não se podia dizer que fosse grande apreciadora de xerez, mas estava a precisar de alguma coisa que lhe desse vida. Desta vez, ao contrário do que acontecera com o chá gelado, o sabor apoderou-se dela. O gosto forte do álcool queimou-lhe a língua.

– Gostaria que me respondesses com sinceridade – disse a velha senhora. – Tens medo de morrer?

Aomame não precisou de tempo para pensar na resposta. Abanando a cabeça, confessou:

– Nem por isso. Comparado com a maneira como vivo, assusta-me mais este tipo de existência que levo...

A anciã esboçou um breve sorriso, e isso teve o condão de a rejuvenescer. Os seus lábios voltaram a recuperar cor e vida. Podia ser que a conversa com Aomame funcionasse como um estímulo, ou então o golinho de xerez surtira efeito.

– Recordo-me de teres dito que havia um homem de quem gostavas.

– Sim, é verdade. Mas as hipóteses de o encontrar e unir o meu destino ao dele são praticamente nulas. Por isso, mesmo que eu morresse, o que se perderia não andaria longe do zero.

A anciã semicerrou os olhos.

– Quando dizes que nunca poderás acabar a tua vida ao lado desse homem, existe alguma razão concreta que te leva a pensar isso?

– Não, não especialmente – respondeu Aomame. – Tirando eu ser quem sou.

– Não está nos teus planos tomar a iniciativa de o procurar? Aomame negou com a cabeça.

– Para mim, o mais importante é desejá-lo com todas as minhas forças, do fundo do coração.

A velha senhora deixou-se ficar de olhos postos em Aomame, aparentemente espantada.

– És uma mulher com ideias muito claras.

– A necessidade aguça o engenho – respondeu Aomame, levando o copo de xerez aos lábios, num gesto de pura formalidade.

– Não me tornei assim por gosto.

O silêncio invadiu a sala por momentos.

Os lírios mantinham a cabeça baixa e os peixinhos continuavam a nadar por entre os raios refratados, à luz de verão.

– É possível que se consiga criar um estratagema para que te encontres sozinha com o Líder – assegurou a anciã. – Não vai

ser nada fácil e a coisa levará o seu tempo, mas podemos proporcionar isso. Quando chegar a altura, terás pura e simplesmente de fazer *o mesmo de sempre*. Com a diferença de que, desta vez, assim que tiveres realizado o trabalho, serás obrigada a desaparecer do mapa. É possível que venhas a precisar de fazer uma cirurgia plástica ao rosto. Escusado será dizer que deixarás o teu emprego atual e partirás para longe daqui. Também precisas de mudar de nome. Tenho ainda de te pedir que abandones tudo o que possuis. No fundo, vais passar a ser outra pessoa. Claro que receberás uma recompensa generosa. Do resto encarrego-me eu. Estás disposta a isso?

Aomame respondeu:

– Como já disse, não tenho nada a perder. Nem o meu emprego, nem o meu nome, nem a vida que levo atualmente em Tóquio: nada disso se reveste de grande importância para mim. Não tenho objeções a fazer.

– Nem sequer quanto a mudares de cara?

– Seria uma mudança para melhor?

– Se é o que desejas, podemos encarregar-nos disso – respondeu a anciã, com uma expressão sombria. – Naturalmente que haverá certos limites, mas podemos tratar de construir um rosto de acordo com o que tu desejares.

– Já agora, de caminho, será que poderia aumentar o tamanho do peito?

A viúva fez que sim com a cabeça.

– Pode ser uma boa ideia. Quero dizer, no sentido de levar as pessoas ao engano, claro.

– Estava a brincar – atalhou Aomame, suavizando a expressão. – Apesar de não me sentir especialmente orgulhosa dos meus seios, a verdade é que não me importo de continuar com aquilo que tenho. É leve e fácil de transportar. Além de que seria uma chatice, nesta altura do campeonato, ter de passar a comprar sutiãs com um tamanho diferente.

– Por mim, podes comprar os que quiseres.

– Era outra brincadeira – disse Aomame.

A velha senhora deixou escapar um sorriso.

– Desculpa. Não estou habituada a ouvir-te dizer piadas.
– Não me oponho à ideia da cirurgia plástica – disse Aomame.
– Muito embora nunca me tenha passado pela cabeça fazer uma operação estética, a verdade é que também não existem razões que me levem a rejeitar a proposta. Nunca gostei por aí além da minha cara, e não se pode dizer que tenha havido alguém que gostasse especialmente dela.

– Olha que vais perder os teus amigos, sabes?

– Não tenho ninguém que considere verdadeiramente amigo – começou por dizer Aomame, mas depois lembrou-se de Ayumi. *Se eu desaparecesse de repente, sem dizer água-vai, ela era capaz de ficar triste. Poderia até, quem sabe?, sentir-se traída.* Contudo, assim à partida, talvez fosse um bocado forte chamar-lhe «amiga». Fazer amizade com uma mulher-polícia era, aos olhos de Aomame, seguir por caminhos perigosos.

– Tive dois filhos – disse a velha senhora –, um rapaz e uma rapariga. Ela era três anos mais nova do que ele. A minha filha morreu. Suicidou-se, como já comentei contigo. Não tinha filhos. O meu filho e eu temos tido os nossos problemas e, por diversos motivos, faz muito tempo que mal nos falamos. Tenho três netos, mas também não os vejo há uma eternidade. No caso de eu morrer, o meu filho e os meus netos herdarão o grosso da minha fortuna, quase automaticamente. Hoje em dia, o testamento já não tem tanto valor como tinha dantes. Ainda assim, disponho de uma fortuna considerável. Se levores por diante esta missão, gostaria de te legar a maior parte desse dinheiro. Não me interpretes mal: a minha intenção não é comprar-te. O que pretendo dizer é que te considero quase minha filha. Quem me dera que fosses a minha verdadeira filha...

Calada, Aomame olhava para o rosto da anciã, que, de repente, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa, pousou o copo de xerez em cima da mesa. A seguir, virou-se para trás e contemplou as pétalas brilhantes dos lírios. Encheu os pulmões com a exuberante fragrância das flores antes de voltar a concentrar as suas atenções em Aomame.

– Como referi anteriormente, tinha pensado em requerer a custódia da Tsubasa, mas aconteceu isto e, afinal, acabei por perdê-la. Fiquei de braços cruzados, a vê-la desaparecer, sozinha, no meio das trevas, sem nada poder fazer para o impedir. Nem sequer consegui ajudá-la. E, agora, estou prestes a enviar-te para um lugar perigosíssimo. Oxalá não tivesse de o fazer, acredita; infelizmente, não vejo outro modo de levar o meu propósito avante. Apenas posso oferecer-te a devida compensação.

Aomame escutava com atenção, em silêncio. Quando a velha senhora deixou de falar, fez-se ouvir, vindo do outro lado da porta envidraçada, o canto nítido de um pássaro. Cantou durante algum tempo e depois bateu as asas e voou.

– O importante, agora, é *tratar da saúde* a esse homem, custe o que custar – disse Aomame. – Agradeço profundamente toda a estima que tem por mim. Sou uma pessoa, e calculo que isto seja do seu conhecimento, que abandonou os pais, por motivos que não vêm ao caso. Melhor dizendo, foram eles que me puseram de lado, era eu pequena. Vi-me forçada a seguir em frente e resignei-me a levar uma vida carente de afeto por parte dos meus familiares. Para sobreviver sozinha, não tive outro remédio senão adaptar o estado de alma a essas circunstâncias. Foram muitas as vezes em que me senti como um trapo. Um desperdício imundo e sem sentido. Daí que as suas palavras de há pouco me toquem imenso. É um pouco tarde para mudar a minha maneira de pensar e o meu estilo de vida. Mas não para a Tsubasa. De certeza que ela ainda pode ser salva. Não desista ainda, peço-lhe por tudo. Não perca a esperança de reencontrar a menina, por favor!

A anciã assentiu com a cabeça.

– Se calhar não me expliquei bem. Longe de estar resignada à minha sorte, tudo farei ao nosso alcance para trazer a Tsubasa de volta. No entanto, como podes ver, encontro-me esgotada. Sou vítima de um profundo sentimento de impotência, por não ter conseguido proteger aquela menina. Ainda precisarei de algum tempo até recuperar a minha velha energia. Por outro lado, pode

ser que esteja a ficar demasiado velha. Talvez nunca mais recupere a energia de outros tempos, por muito que espere.

Aomame levantou-se e aproximou-se da velha senhora. Sentou-se no braço do sofá e agarrou na mão elegante e esguia da anciã.

– A senhora é uma verdadeira mulher de armas – disse ela.
– Tomara muitas mulheres terem um vigor como o seu. Neste momento, encontra-se desanimada e sem forças. Precisa de se deitar e descansar um bocado. Quando acordar, vai ver que se sentirá como dantes.

– Obrigada – disse a anciã, apertando a mão de Aomame com força. – Pode ser que tenhas razão. Talvez seja melhor dormir um pouco.

– Nesse caso, retiro-me – disse Aomame. – Ficarei a aguardar notícias suas. Entretanto, vou despachar todos os meus assuntos. A bem dizer, não tenho assim tantas «coisas» para pôr em ordem.

– Prepara-te para viajar com pouca bagagem. Se vieres a precisar de alguma coisa, nós depois encarregamo-nos de te arranjar o que for preciso.

Aomame soltou a mão da velha senhora e pôs-se de pé.

– Boa noite. Vai correr tudo bem, tenho a certeza.

A senhora fez um gesto afirmativo com a cabeça e, recostada no cadeirão, fechou os olhos. Aomame voltou a olhar para os peixes-vermelhos no aquário que estava colocado em cima da mesa, aspirou pela última vez o perfume dos lírios e abandonou aquela sala de tetos altos.

Tamaru esperava por ela na entrada. Eram cinco da tarde, mas o Sol continuava lá no alto e não diminuía em nada a sua intensidade. Aquela luminosidade refletia-se de forma resplandecente nos sapatos de couro negro de Tamaru, impecavelmente engraxados, como sempre. Dispersas no céu viam-se algumas nuvens brancas, daquelas que aparecem no verão, mas dir-se-ia que estavam todas juntinhas num canto, para não estorvar o Sol.

Era demasiado cedo para o final da estação das chuvas, mas nos últimos tempos tinham-se sucedido vários dias que evocavam o verão na sua plenitude. Por entre as árvores do jardim escutava-se o chiar das cigarras. Chegava aos ouvidos transformado num suave estrídulo, não demasiado forte; apesar de tudo, tratava-se de um presságio infalível. O mecanismo que fazia mover o mundo funcionava como sempre. As cigarras cantavam, as nuvens de verão desfilavam no céu e os sapatos de Tamaru não tinham um grão de poeira. Aos olhos de Aomame, contudo, que o mundo permacesse assim, tal como era, sem se revelar composto de mudança, parecia-lhe uma nota de particular frescura.

– Tamaru – interpelou ela –, podemos conversar um bocadinho? Tens tempo?

– Claro que sim – respondeu Tamaru. A sua expressão mantinha-se inalterável. – Tempo não me falta, e matá-lo faz parte do meu trabalho.

Tamaru sentou-se numa cadeira de jardim que havia junto à porta. Aomame instalou-se na cadeira ao lado. O beiral do telhado projetava uma sombra fresca e abrigava-os da luz do Sol. Cheirava a erva fresca, acabada de cortar.

– Já aí temos o verão outra vez – observou Tamaru.

– Até as cigarras desataram a cantar – acrescentou Aomame.

– Parece que, este ano, começaram mais cedo do que é costume. O que significa que, durante uns tempos, este lugar voltará a encher-se de barulho. As cigarras fazem uma chinfrineira tal que até os ouvidos começam a doer. Quando estive numa cidade perto das cataratas do Niagara, o ruído era igualzinho a este. Continuamente, sem cessar, de manhã à noite. Como se milhões de cigarras, grandes e pequenas, tivessem desatado a chiar ao mesmo tempo.

– Estiveste nas cataratas do Niagara?

Tamaru assentiu afirmativamente.

– É a cidade mais enfadonha do mundo. Passei lá três dias, durante os quais, tirando o barulho da água a cair, não havia nada para fazer. O ruído era tão ensurdecedor que nem dava para uma pessoa ler.

– E pode saber-se o que fazias tu, ali sozinho, durante três dias a fio?

Tamaru não se dignou responder à pergunta. Limitou-se a fazer um pequeno movimento negativo com a cabeça.

Tamaru e Aomame permaneceram calados por algum tempo, entretidos a escutar o discreto estridular das cigarras.

– Gostaria de te pedir um favor – anunciou Aomame.

Tamaru pareceu mostrar-se interessado. Aomame não era daquelas pessoas que costumavam pedir favores.

A rapariga elaborou um pouco mais:

– Trata-se de um favor um tanto ou quanto fora do vulgar. Espero que não fiques aborrecido.

– Não sei se poderei ajudar-te, mas posso sempre ouvir o que tens para me dizer. Quanto mais não seja, por uma questão de delicadeza, uma vez que estamos a falar de um favor solicitado por uma senhora.

– Preciso de uma arma – disparou Aomame, num tom profissional. – Refiro-me a uma arma que caiba dentro de uma mala de mão, e com um recuo não muito forte, mas, ao mesmo tempo, que tenha suficiente poder destrutivo e que me dê confiança. Não pode ser um desses modelos de imitação nem uma espécie de cópia de fabrico filipino. Conto utilizá-la apenas uma única vez. Uma bala deverá ser suficiente.

Fez-se um silêncio, durante o qual Tamaru não tirou os olhos de Aomame. Olhou para ela fixamente, sem pestanejar.

A seguir, quando falou, esforçou-se por pronunciar as palavras devagar e com todo o cuidado.

– Neste país, a lei proíbe que os cidadãos andem armados, *sabes* isso, não é verdade?

– Claro que sei.

– Digo isto por mera precaução – prosseguiu Tamaru –, mas gostaria que ficasse claro que nunca fui acusado de nenhum delito. Posto de outro modo, não tenho antecedentes criminais. Pode ser que tenha cometido um ou outro deslize, no que toca à justiça, não o nego, contudo, falando em termos legais, sou um cidadão com um cadastro completamente limpo. Íntegro e

sem uma única mancha. Sou homossexual, mas isso não é ilícito. Pago religiosamente os meus impostos, voto nas eleições... se bem que os meus candidatos nunca saiam vencedores. Até as multas de estacionamento foram pagas dentro do prazo, todinhas. E nunca, ao longo dos últimos dez anos, fui mandado parar pela Brigada de Trânsito por excesso de velocidade. Estou inscrito na Segurança Social. Pago a minha taxa de receção da NHK por transferência bancária, possuo um cartão American Express e um MasterCard. Muito embora não esteja nos meus planos, a verdade é que, se quisesse, podia perfeitamente candidatar-me a um empréstimo bancário a trinta anos para comprar casa. E, acredita, saber que preencho estas condições dá-me, todos os dias, imenso gozo. Por outras palavras, posso muito bem ser considerado um pilar da sociedade. Ora, é precisamente a essa pessoa que tu te diriges, no sentido de lhe pedir que te arranje uma arma. Dás-te conta disso?

– Por alguma razão te disse que não me levasse a mal.

– Bem, lá isso é verdade.

– Desculpa ver-me obrigada a recorrer a ti, mas não consegui arranjar mais ninguém.

Tamaru produziu um som estrangulado no fundo da garganta. Seria um suspiro abafado? Aomame não tinha maneira de saber.

– Imaginando que me encontro em posição de poder satisfazer o teu pedido, manda o bom senso que te faça a seguinte pergunta: sobre quem tens intenção de disparar?

Aomame encostou um dedo à testa.

– Aqui, talvez.

Tamaru observou o dedo sem mudar de expressão.

– E, volto à carga, por que razão?

– Não quero ser apanhada – respondeu Aomame. – Não tenho medo de morrer, tão-pouco receio ir parar à prisão, ainda que a ideia não possa ser mais desagradável. Porém, recuso-me terminantemente a ser feita refém e torturada por um bando de desconhecidos. Além de que não quero denunciar ninguém. Faça-me entender?